

A palavra sagra os reis, exorciza os possessores, efetiva os encantamentos. Capaz de muitos usos, também é bala dos desarmados e o bicho que descobre as carcaças podres.

Avalovara

Como nenhum outro escritor, é assim que Osman Lins delimita o objeto de sua arte: a palavra escrita. Enigmática, moderna, ou até convertida em enigma da modernidade pelo fato de se dobrar sobre seus próprios princípios e fins, esta definição da palavra escrita não é mais uma descrição e sim uma inscrição. A palavra passa, de fato, de objeto a sujeito textual, como resíduo emblemático que brilha alegoricamente quando se extrai o singular poder de seu emprego ordinário. A palavra escrita de Osman Lins se dobra de seus usos sagrados (encantamentos, exorcismos) de seu território cultivado e soberano, às suas objetificações profanas (bala, bicho). Nas passagens modernas, efetivadas nos textos de Osman Lins, a palavra secularizada, desprovida de seu antigo valor simbólico, desterritorializada de seus usos, atribui-se a si mesma um valor de troca que se faz metáfora ou transporte ambivalente, ora mecânico, ora orgânico: como "bala dos desarmados" tanto pode "salvar" como "matar", como "bicho que descobre as carcaças podres", "esconde" ou "ex-põe" a sua descoberta. Porém, enquanto descoberta, a palavra desenterra, arqueologicamente, da memória cultural de um povo, as suas "carcaças podres", ou seja, aquilo que foi abandonado à deterioração.

A palavra, para Osman Lins, resgata-se pois, diretamente à cultura, no sentido em que nesta se funda seu próprio uso cultivado, remontando ao cultivo dos antepassados (tradição) do lavor seu território literário institucional e do lavar (polir a pedra) materiais de rara e preciosa extração manuscrita, em sua forma artesanal, singular e manufaturada. Isto se explicita na frase formadora (palíndromo) do quadrado mágico em que se baseia o romance Avalovara: "O lavorador mantém cuidadosamente a charrua em seus sulcos" (Sator arepo tenet opera rotas). No território ameaçado da palavra que se desterritorializa, Osman Lins, se arma para a guerra do escritor em sua defesa. Como na leitura deleuziana de Leibniz, a textura de palavras de Osman Lins se faz entre as dobras de dois processos perceptivos, o microscópico e o macroscópico. A palavra, em sua fusão do uno no múltiplo, do objeto no sujeito, do orgânico no artifício, vai se transformando em sua textura: é mulher, entre símbolo e signo, entre nomeada e não nomeada, entre signo gráfico e signo visual. A palavra dobrada, emblemática da literatura, se desdobra na frase palíndroma que se desdobra no romance, que se desdobra numa textura barroca e moderna, ad infinitum.

Em uma de suas melhores entrevistas a Wladyr Nader, Hamilton Trevisan e Gilberto Mansur, para a revista Escrita, Osman Lins discorre sobre a sua formação, sobre Avalovara, e sobre a literatura no Brasil, o que aqui transcrevemos:

HT – Quer dizer que no Brasil, o estudo da literatura está dissociado da literatura?

Osman Lins – É sim. Não tem nada que ver com a literatura.

HT – Aliás, eu li um artigo seu sobre o problema do estruturalismo, da lingüística, achei muito interessante a sua tese de que a literatura foi transformada numa mercadoria.

Osman Lins – É sim, as noções que ele recebe são uma mercadoria que ele adquire para passar adiante, que ele vende. Normalmente, o que o aluno não pode vender a ele não interessa. Tive experiências claras disso. Não é culpa dele não. É culpa do supermercado onde nós vivemos, vivemos num supermercado.

WN – Como é que você explica o sucesso relativo de algumas revistas literárias, por exemplo, pelo menos por sua vendagem?

Osman Lins – Acho que há um público em potencial. A gente sempre encontra o sujeito que lê. Eu tenho amigos que não têm nada que ver com vida literária e que são leitores frequentes. Tenho um amigo que mora no Recife e que manda cartas sobre quase todos os autores importantes que aparecem, ele lê todos, e não é o único que conhece. Não tem nada que ver com o “milieu”. E tem muita gente assim, que não está na universidade, que está querendo escrever. Sabe, em seis anos raramente vi na faculdade um aluno com a Status Literatura na mão, e não me lembro de ter visto ninguém com a revista Escrita, desde que apareceu. Minha visão do ensino da literatura na universidade é péssima, é a pior possível. E na USP, segundo as declarações que tenho ouvido, é a mesma coisa. É o mercado, Wladyr, é o supermercado. Como é que o valor espiritual vai ter importância no supermercado? Vai ter cotação? Como é que uma paixão vai ter cotação no supermercado? Não tem cotação. Você não vai conseguir nunca fazer um aluno se apaixonar pela literatura, porque paixão não se vende. Se ele é um sujeito indiferente à literatura, você não vai incutir na cabeça dele que ele tem que se interessar por literatura, porque esta paixão não se vende. É o nosso mercado, é o mundo onde nós estamos inseridos, um mundo cada vez mais capitalista, um mundo horrível!¹

O movimento desterritorializador ameaça o território da palavra de Osman Lins parecendo mobilizar, ao contrário do que se poderia esperar, os desdobramentos de sua construção, na armação de uma máquina, na montagem de uma técnica estrutural, capazes de resistir à invasão consumidora dos “mass media” e da bestificação disneilândica. Em “Domingo de Páscoa” (1978), seu último texto escrito antes de morrer, e que se transcreve aqui, percebem-se os efeitos desse movimento desterritorializador na piscina de um hotel turístico em Guarapari (Espírito Santo) onde o evento fictício pascoal ocorre através de uma inversão sacro-profana: morre um judeu russo no sábado de aleluia. Na introdução ao texto em inglês², de Julieta de Godoy Ladeira, a escritora também já falecida e companheira em vida de Osman Lins, conta sobre a viagem a Guarapari que eles fizeram juntos e da qual nasce “Domingo de Páscoa”, interpretando-o como uma premonição de morte do escritor que se encontrava então em plena saúde (morre de câncer um ano depois). A visão desencantada deste texto, no fim da vida de Osman Lins, corresponde à sua resistente postura crítica perante a desterritorialização da instituição literária, inclusive pela própria imprensa. Assim se manifesta o escritor, em sua última entrevista a Veja, sobre a crítica brasileira universitária e jornalística:

“Veja – O que pensa da crítica brasileira atual, na imprensa e na universidade?”

¹ “Osman Lins: toda arte despojada de nossa época, que recusa o ornamento, está a caminho da morte” *Escrita* – Revista mensal de literatura. n. 13. SP: Vertente, 1976, p. 9-10.

² “Domingo de Páscoa”, novela, editada no volume *A South American trilogy*, edição da Universidade do Texas, Austin, organização de Luís A. Ramos Garcia, foi traduzida em edição bilingüe por Fred P. Ellison e Ana Luiza Andrade, e introduzido por Julieta de Godoy Ladeira, em 1982. (Nota em *O fel e a pedra*. 9ª ed. SP: Summus, s/d.)

LINS – *A jornalística, industrializada: número de linhas estabelecido pela revista ou jornal, interferência no vocabulário do crítico, com vistas ao padrão médio de leitores – ou consumidores – etc.; a universitária, restrita a círculos intelectualizados. Ambas, é claro, têm a sua utilidade e podem acrescentar-se às obras que estudam. Mas está faltando uma crítica mais dócil, menos submissa a injunções exteriores ao crítico. É pouco provável que os jornais, hoje, possibilitem esse exercício fecundo, abrindo espaço nas suas colunas, pagando decentemente, etc.*”³

O evento de “Domingo de Páscoa” culmina com a morte de um cristo russo (remetendo-nos aos tempos da guerra fria) no dia da celebração da ressurreição de Cristo; evento que se constrói a partir da tensão entre as gerações (os velhos e os jovens), entre a natureza como fonte de vida e o ambiente artificial e inóspito do hotel, e principalmente entre arte e cultura em seus deslocamentos micro e macrocósmicos. O efêmero, bruto e decadente mundo consumista dos hotéis, dos estacionamentos, das televisões e das luzes néon, se contrasta às imagens cíclicas das areias curativas depositadas pelo mar, da volta das arribações dizimadas ao Egito. Imagens associadas à perda da escrita pelos cretenses e ao declínio das civilizações vem à tona a partir do incêndio do Hindenburg (na televisão) que se liga ao incêndio de outra espécie: o esquecimento. Assim, a própria sensibilidade que tinha antes o corpo orgânico como ponto de partida, substitui-se pela “anestesia” visual da mídia consumista, essa “ótica inconsciente” usada como tática anestésica contra os choques da modernidade, e que faz com que Osman Lins integre o signo visual ao signo gráfico verbal para provocar um contra-choque na leitura de alguns de seus textos, obrigando o leitor a tomar consciência das distintas percepções sensoriais entre legível e visível.

Em “Domingo de Páscoa”, os fragmentos em itálico parecem funcionar como imagens contrapostas a estas, como lembranças desencadeadoras de forças criativas que em última instância resultariam no trabalho do artista. Por isso, como observou Hélio Pólvora, Osman Lins parece “ter sido escrito por alguém com este nome”. Sua palavra hoje brilha mais intensamente do que nunca, à apreciação de letrados pela resistência de seu material de rara extração, pela exclusividade que o faz representante da luta do escritor. Nas trilhas do bond machadiano, da tradição brasileira portanto, Osman Lins registra e confirma, num visionarismo desiludido, a desterritorialização dos valores de pertença que orientaram um mundo de tradições culturais em seus deslocamentos críticos, corporais, sensoriais, cuja narcotizada e dócil forma de entrega se faz como oferenda ao domínio e às manipulações estrangeiras.

³ “A meio caminho – A morte interrompe a obra de Osman Lins” *Veja*, 19 de julho de 1978. SP: Abril, p. 22.

DOMINGO DE PÁScoa

Osman Lins

As longas tábuas ensolaradas do piso cheiram a cedro e cera. Vem do banheiro esse perfume que sentimos ao atravessar um pinheiral e o ar marítimo agita as cortinas florosas, em ondas lentas como as que se desfazem lá embaixo, inaudíveis, molhando a exígua praia ainda fresca e os pés dos velhos. Eles desfilam, quase sempre aos pares, os cotovelos um pouco levantados, ou sentam-se no chão, pernas estendidas, cobrem as juntas com a areia negra e com a argila viscosa, ocre, sempre renovada pelo mar. Somadas, suas idades espantam, eles em conjunto um ancião monstruoso, várias vezes milenar, observando furtivos, com nostalgia, cobiça e vontade de cuspir, meu torso musculoso, meus inconcebíveis quarenta e quatro anos. Fragrâncias de loções, de pós e de cremes de beleza mesclam-se ao pérfido aroma do assoalho, infestado do ruflar de asas e de escamas deslizado: espectros de pássaros e de répteis. Só uma hóspede, o corpo lustroso de óleo, se expõe ao sol junto à piscina, numa cadeira reclinável. O retângulo de um verde meio turvo — a piscina de adultos — e a piscina infantil, além, também retangular, os tampos quadrados e circulares das mesas, a disposição dos assentos, o nexó harmonioso entre tantas formas geométricas dizem que eu não receie hoje desastre ou morte, que as próximas horas conservarão o essencial deste momento — o céu luminoso, o acompanhante no andar superior ao nosso, a mesa com maçãs junto à janela, a afiada lâmina da faca, as fitas, os brincos, sobre o tapete as pantufas quase de menina — e só a cadeira da hóspede ao sol, colocada numa diagonal absurda e pode ser até que infausta, ameaça a ordem das coisas. O óleo com que se protege tresandava vagamente a maquirismos ainda intactos.

[A menina corre, pálida, sobre o formigueiro. Não sei a hora (tarde?, manhã?), não sei o mês, o ano, mas o dia é cálido e em torno de nós circula um mar de silêncio, vertiginoso. Tenho na mão um besouro, os élitros de metal verde, as patas inquietas. A menina parou de urinar e eu enfió o besouro no seu sexo ainda gotejante.

Quem era? Vizinha? Prima? Quem? Perdi seu rosto e seu nome.]

Apago a luz e me sento na cadeira ao lado da cama de Narcélia, inclinada nos seus travesseiros cômodos, em fronhas com enfeites de rendas.

— Detesto esses travesseiros de hotel. São duros demais e, além disso, tanta gente estranha dorme neles!

A lua da Semana Santa, erguida sobre o mar, ilumina a mesa com frutas, parte do assoalho, a colcha bordada, os pés quietos de Narcélia, sua

camisa de dormir, lilá, que o luar torna como evanescente, uma névoa. A claridade brune as suas mãos bem tratadas, esquecidas sobre o ventre. Acompanho o movimento calmo da respiração e posso mesmo ver o peito latejando sob a fazenda leve, o pulsar compassado, o martelar do sangue. Mas o seu rosto agora está na sombra, impreciso: a cabeleira quase ocultando as espáduas, os olhos sempre úmidos e sempre refletindo o que fulge, por mais remoto e surdo que seja o brilho. Apesar da lua e da janela aberta, respiramos com dificuldade o ar espesso.

— Estão chegando muitos hóspedes. Há um movimento pelos corredores e já ouvi até crianças chorando.

— É. No restaurante, havia três ou quatro.

Várias mulheres e um homem, frente ao aparelho de TV, assistem um programa sobre a conquista do espaço, outras jogam cartas num das mesas do bar, os elevadores movimentam-se, pára um Dodge à entrada e os empregados precipitam-se, acesas todas as luzes do saguão, na tela da TV o Hindenburg incendeia-se sobre Lakehurst após sobrevoar Times Square com a sua augural escolta de aviões, os navios saudando com flâmulas e silvos essa chegada prodigiosa que (como saber?) na verdade era um adeus, a imensa estrutura luzente perde o equilíbrio e cai, reduzida em segundos a uma gaiola calcinada.

— Um esqueleto crepitante e disforme.

Vista do quarto, a rua principal, obstinadamente retilínea e árida, com seus poucos atraentes hotéis de veraneio, lojas ainda sem fregueses e restaurantes desertos, as toalhas encardidas sopradas pelo vento, aguardando os desejados invasores da Semana Santa, tem qualquer coisa de uma vida íntegra e obtusa, avançando orgulhosamente para o nada.

Narcélia move-se e o simples gesto dos braços espalha no ar pesado seu perfume, estende a mão para o criado-mudo, apanha o porta cigarros folheado a ouro, abre-o com um estalo. Acenda.

Obedeço. À luz do fósforo, surge a cara miúda e simiesca, os grandes olhos estrábicos, febris.

— Apesar das rugas, brilhantes como pedras preciosas. Quer que a acomode? Não. Estou bem. Anteontem, a esta hora, a luz não alcançava mais a cama.

No ano que vem, quero passar a Semana Santa em Sevilha. Voz autoritária — mesmo quando expressa desejos impossíveis —, anelante e com uma nota sensibilidade. Contudo, palpita sutilmente no que diz, nas coisas mais triviais, um fogo recôndito e acetinado, indício da sabedoria que germina como um fruto no seu íntimo, soturno e eriçado bosque invisível.

— Também irei?

— Pobre! Sabe que não.

— Por quê?

Leva o cigarro à boca, franze os lábios — lembra um cão irritado — e o poderoso olhar devasta-me, solene:

— Os mortos não vão ver a Páscoa em Sevilha. Apodrecem em qualquer parte. Ri. Som extenso e sófrego, rolando na garganta. A sucata da alegria. O luar ilumina apenas os seus pés sempre imóveis e as unhas parecem esmaltadas de negro.

[Olho para cima — não sei se num quintal, se em algum caminho deserto ou em algum descampado — vejo o céu como se pudesse tocar com o punho ainda frágil a carapaça azul-rei e penso: “Amanhã, estou vendo outras estrelas”. Sinto-me inquieto e assustado devido à viagem iminente.

Mas viagem para onde e com quem, por quanto tempo, usando que transporte e para fazer o quê?]

A lua inclina-se e o letreiro a néon, no alto do hotel, projetando rítmico uma claridade verde nas construções circundantes, é o único sinal claro de vida. Soa o telefone da recepção: alguém está morrendo.

Organiza-se um esquema clandestino, semelhante aos que preparam a fuga de prisioneiros e cujo fim é escamotear o morto, transferi-lo para fora do hotel, deste espaço onde se ingressa para fugir de todos os males. Mas por que se admitiu que a cadeira da piscina, aquela, fosse colocada numa diagonal tão aziaga? Abre-se a porta do elevador, surge o morto enrolado num lençol, vê-se apenas a calva e alguns cabelos brancos, parece leve e esvoaçante, rápida é a sua passagem no saguão pouco iluminado, a viúva segue-o indecisa, o olhar seco e violáceo, voltando-se para trás, como se algum pedaço do marido pudesse ter caído no chão.

Nos degraus que levam à praia, travo a cadeira de rodas, tomo Narcélia nos braços, estendo-a na areia. Ela cerra os olhos com uma expressão resignada e só reabre depois que acomodo seu dorso no espaldar de lona. No céu azul, sem nuvens e sem pássaros, brilha o sol a pouca altura do nascente; as nossas sombras e as sombras dos velhos, numerosos ao amanhecer, estendem-se no chão, em trânsito ou imóveis, longas. Os alicerces acima do nível do mar e tão próximo dele que, na maré alta, dos andares mais altos pode-se cuspir nas ondas, o decadente edifício cujas paredes o letreiro do hotel faz pulsarem noite adentro com o seu reflexo lívido. Perceberá Narcélia que as suas pernas ainda bem modeladas se atrofiaram? Devo passar sobre elas este barro cor de colorau, com brandura e sem prolongar a operação.

Nada que lembre uma carícia. A seguir, cubro-as com a areia negra e um tanto limosa, na qual os estropiados confiam.

A cidade, invadida por eles, pobre de árvores e, mesmo bordejada pelo mar e apesar dos muitos prédios novos, um tanto árida, exala negligência, penúria.

— Lembra um asilo para gente idosa e sem recursos.

— Agora. Canoas, tem quinze minutos seus. Mas olhe para mim de vez em quando. Posso necessitar de você.

Os pés afundam na areia, demasiado móvel sob as águas. Mergulho e nado, sempre atento a Narcélia, só e desamparada, os metais da cadeira de rodas brilhando à distância, no alto dos degraus. Saio e enxugo-me. Alguma coisa? Não responde: O sol não está muito quente? Silêncio. Deve tomar cuidado.

— Não pode queimar-se.

— Os meus pés estão meio descobertos. Ponha mais areia em cima. E restrinja-se ao essencial, é necessário ter a noção exata dos limites. Você não trouxe à praia uma lactente. No momento, preciso de cuidados, não de vigilância. Tenho quarenta e seis anos, dois a mais que você.

Vou e venho ao sol, cão sem a coleira, insultando esses corpos em declínio, já tresandando a estearina, dalias murchas, cânfora — e ainda esperançosos, cavando algum vigor na areia. Irrompe da pequena multidão senil uma menina negra.

— Parece gerada pelos velhos e velhas, a filha comum de todos.

Eles vão e vêm, trocando frases gastas como lâminas de faca cem vezes amoladas:

— “Essa noite, você se levantou pra urinar?” — “Faltam mais de quinze dias para chegar o pagamento.” — “Devia ter um balaústre, essa calçada alta ao longo da praia. Uma pessoa pode cair e quebrar o pescoço.” — “Agora que me lembro: não tomei as gotas.” — “A cidade fica acima do nível da praia.” — “Se ficasse abaixo, inundava.” — “Remorso de quê? Fiz bem em dar-lhe veneno”.

A negra passa por mim, enfiando nos cabelos um grampo, menos escura a pele do sovaco, não tem mais de dez ou doze anos, falta-lhe um dente, os olhos meio ocultos sob as pálpebras inchadas de luxúria. As nádegas e o sexo liso mordem com uma espécie de fogo o maiô já desbotado, as águas lambem os tornozelos vibráteis, os joelhos, as coxas. Atira-se de costas na primeira onda mais forte, as pernas abertas, as plantas brancas dos pezinhos voltadas para as nuvens. Ah, meter lá dentre um besouro ou uma vespa!

[Estou viajando ou ao ponto de iniciar uma viagem. De qualquer modo, o lugar onde passei a noite não serve refeições e eu entro no café deserto. A rua deve ser larga e a hora matinal, pois o sol ainda baixo invade o interior, alcança a mesa onde estou no fundo do salão, à direita, de costas para a entrada, junto à parede revestida por um lambri de madeira castanha. O piso fresco e a cafeteira de metal no tampo de mármore.

Que cidade é essa do mundo, por que a viagem, qual a minha idade e para onde irei, para onde?]

As cortinas fechadas, todas as lâmpadas acesas como se fosse noite, desnudo Narcélia e, também nu, levo-a nos braços para o chuveiro. Sentada na cadeira, sob o jato de água morna que ressoa na touca florida de plástico, ensaboa-se dos quadris para cima, enquanto eu cuido das pernas e dos pés, em silêncio: proíbe-me falar durante o banho.

Havendo-a estendido na cama, sobre a toalha, acabo de enxugá-la, unto-a de leve com esse creme hidratante de perfume tão fugidio, polvilho com talco o espaço entre os artelhos e as virilhas sempre secas, ajudo-a a vestir-se, ponho o meu roupão, abro as cortinas à manhã, apago as luzes agora dispensáveis e sustento enquanto ela procura animar com delineadores, pós e corantes o pequeno rosto ceroso. Os olhos (potes de tinta negra jogados contra uma parede se espedaçam: as manchas), os olhos entornados refletem as luminosas superfícies do espelho e do dia; com os cílios artificiais e os realces nas pálpebras, crescem maiores. Subitamente, fixam um ponto de ar, vozes subindo da piscina, o baque de um corpo na água, pesado, música de rádio.

— Ela diz: está chegando um ente. Algum inspirado ou assinalado. Vá ver. Os cotovelos no peitoril estreito e baixo da janela, esquadrinho as imediações, e que distingo de anormal? A cidade se povoa.

Muitos carros estacionados na rua principal, ônibus cruzando a extensa ponte, à esquerda (daqui, parecem avançar lentamente), vindos de Vitória ou de lugares sem mar, as águas turvas da piscina que nem o sol das dez horas filtra ou lava, as peles brancas dos hóspedes recentes, cintilações de copos e de garrafas de cerveja — e nos móveis laqueados de branco, na distribuição insensata das cadeiras, na mesa redonda afastada, como à deriva, à deriva, na discordância entre os vários tampos quadrados, nessa desagração, o anúncio ainda mal legível de um evento assombroso, emergindo do tempo.

[O vestido, rosa-pálido, de fazenda flexível e levemente elástica, está jogado sobre outros, junto a uma cesta de vime com retalhos, na mesa nua. Algumas telhas de vidro coam a luz desse dia invernos, que se reflete, fosca, na madeira um tanto gasta da mesa e intensifica minha ânsia de amar, ainda imatura. Cubro o rosto com o vestido e de olhos cerrados aspiro o odor esmaecido de carne juvenil, de axilas novas, de loções populares, Coty ou Suspiros de Granada.

Quem era a dona do vestido? Como seria o corpo que tão dolorosamente me exala e que nome pronuncio então, como um segredo, entre as dobras da fazenda?]

Mesmo com o hotel lotado, o movimento incessante dos garçons e dos elevadores, automóveis e ônibus atravancando a entrada, grupos jogando cartas sob as lâmpadas claras do bar que as paredes de espelhos multiplicam, mesmo assim ele invoca a atenção — como se fosse o único hóspede. Aí estamos, refletidos nos espelhos do bar, a pequena mesa entre nós com a sua cerveja e o meu chá, ele e eu, ele com sua frente de marfim e eu um couro curtido, ele com seu longo e fino cavanhaque, eu o bigode eriçado e cor de fumo quase cobrindo os dentes escuros de tártaro, ele com seu olhar tão plácido (embora cômico, vê-se, do seguidor, do acompanhante oculto), eu estas bolas desvairadas a ponto de estourar nas órbitas, ele originário de algum velho solar de brocado e dragonas, entre o Báltico e o Mar de Mármara, eu vindo não quero saber de onde, ele e eu marcados, portadores do sinal, da auréola negra.

— Diz-me que a civilização cretense elaborou vários sistemas de escrita. Uma espécie de hesitação, de exploração, começando pelo ideograma, isto há quatro ou cinco mil anos. As expressões lineais — traços retos e curvos — surgirão mais tarde.

— O senhor — interrompo-o — vem de um país mais antigo e cheio de regras que o nosso, vê-se bem. Quando encontra as pessoas, nas portas, cede o passo, curvando-se. Cumprimenta inclinando levemente o tronco, as mãos um pouco cerradas e um pouco recuadas. Seu pai e seu avô seriam altas patentes da cavalaria? Nobres? Membros do Estado-Maior?

Verte mais um pouco de cerveja no copo, a mão alva e os dedos achatados, meio trêmulos. Prossegue, com um leve traço de ironia:

— Acredita-se que por volta de 1400 a.C., todas as construções de Creta foram destruídas pelas chamas. Invasão ou terremoto? Não se sabe. A partir daí, os cretenses — coisa estranha — deixaram de escrever. Quanto às escritas que eles tinham inventado e cultivado (as escritas, entende?, não os documentos) foram também atingidas por outra espécie de incêndio: o esquecimento. Até hoje, nenhuma pôde ser decifrada.

— E o Acompanhante? Hein? Esse vigilante, quase sempre no andar superior ao nosso? Parece uma sentença de morte ou então o carrasco, o que traz o machado e a ordem de execução. Acordamos à noite e sabemos que ele está ali, deitado, dois ou três metros acima de nós, no escuro.

— Tome o seu chá, antes que esfrie.

Tira do bolso a piteira, delicado objeto com incrustações de ouro, insere concentradamente o cigarro no bocal. Por que esse recuo, ante o isqueiro aceso que lhe estendo? Amedrontado a tal ponto? Irrompem no saguão vinte ou trinta rapazes, uma excursão, aos gritos, alguns de pés descalços e com os sapatos pendurados, arrastando sacos e malas, entre eles um anão e duas mulheres de meia-idade, que poderiam ilustrar um anúncio de bordel. Ele move a cadeira e senta-se de costas para o grupo.

Fecho o olho esquerdo, afasto com o dorso da mão a xícara de chá e observo sem intenção precisa:

— Quando eles entraram, vi no seu olhar, claramente, um lampejo, um clarão dourado. Quando mudou de lugar, então senti o cheiro do seu copo ou das suas roupas: toucinho, alho e monturo. Ainda estou sentindo. A exalação do medo?

Escrutando-me através da fumaça, as pálpebras meio cerradas, respondo-me, a piteira no ar:

— Terrível a dependência de indivíduos como eu e o senhor. Sinto falta do tempo em que podia dormir ao ar livre, se quisesse. Agora, necessito de um quarto contíguo. Acima, ao lado ou abaixo do meu. Acima, principalmente. É como se fosse uma dor, não acha? Sim, tem razão. Pode-se repousar em outra posição, mas só existe uma na qual a dor não incomoda. Não é isto? Sim, a comparação é exata? Podemos, o senhor e eu, dormir com

ele no quarto ao lado, ou no andar inferior ao nosso. Aí, entretanto, a sua presença é mais sensível, *ele* nos inquieta mais, “dói” mais.

O garçom trouxe-lhe a cerveja e minutos depois o meu chá. Cada um pressentira no outro o sinal — e isto aproxima. Alguns dos rapazes passam pelo bar, tomam a direção da piscina, arrastam as cadeiras laqueadas, abancam-se, agravando a desordem que fermenta entre os móveis, cheias de vãos e arestas. Vários rapazes erguem o anão e, por um instante, ele rola sobre trinta mãos, grande caranguejo disforme e assustado. O estrangeiro cerra os olhos, tenso. Reabre-os e conclui, do outro lado da fumaça:

— Não temos ilusões sobre o que significa a vinda do seguidor. Nunca se sabe a que distância está a nossa morte. Perto ou longe? Pessoas como eu e o senhor, porém, sabemos: o vigilante chegou e está ali. Já fomos postos de lado e falta apenas a ordem: “Levem-no”. Desesperante, concordo, sentir que *ele* está ali e nos vigia. Ao mesmo tempo, sua vigilância nos conforta: enquanto não se for, somos imortais. E tudo isso é tão forte que eu me pergunto: “Suponhamos, Velimir Leskóvar, que ele se vá e que, por um acaso ou um erro, seja poupado. Serias, daí em diante, capaz de suportar a incerteza?”

O último gole de chá, morno, sabe a travesseiro velho. Recito, pensando cauteloso as palavras:

— Quando faltam chuvas no Egito, as arribações vêm desovar na Paraíba, onde há fartura de sementes de milhã. Põem os ovos no chão, mas não em qualquer um: nos chãos difíceis. Nos alastrados de espinhos. Debaixo das juremas e dos cardos. Chocam em silêncio. Vêm os sapos-bois e os jabutis, comem parte da postura. As aves mães dão de comer aos filhos vomitando, bico a bico, vomitar é difícil, batem as asas, e acabou-se o silêncio, e lá vem tiro. As pombas novas, lerdas, morrem mais. Sem experiência, dormem as árvores inofensivas. São caçadas à noite, com fachos. Volta para o Egito uma nuvem rareada, rota, de poucas penas. Triste.

— Hoje, Delos é povoada de esculturas. A imortalidade instalou-se na ilha e a única visita, digamos, do efêmero, são as papoulas que ali florescem em maio, incontáveis. Antigamente, quando ainda habitada por homens, as parturientes eram transferidas; os agonizantes, também. Em Delos, ninguém nascia ou morria. O seguidor não seria a nossa Delos?

[A parede não é inteiramente branca e sim pintada com desenhos verdes, losangos do tamanho de ervilhas, riscos verticais e folhas. Isso tornava ainda mais atraentes, mais vivas, as sombras que alguém fazia com as mãos. Agitam-se as orelhas do assustado Coelho. O Cão sem língua abre muitas vezes a boca e late, mudo. Voa o Pássaro, voa. O Macaco: seu rígido perfil. Levanta-se, longa, a garganta da Ema, bico interrogativo. O limitado zoológico de sombras me diverte.

Mas quem, quem, com luz, mãos e parede, me fez tão feliz?]

Tomo Narcélia nos braços e avanço para o mar. Agora, os joelhos não podem trair-me, tenho de firmar-me e de mantê-la a salvo de uma queda, não importa a força das vagas (ela me paga para ser as suas pernas ágeis, a sua

mocidade e o equilíbrio do seu corpo), encargo quase impossível nesta areia de Guarapari, onde os pés afundam como num depósito de arroz. Os velhos, hoje mais raros (assustam-nos os jovens que chegam desde ontem?), friccionam as juntas perras. Latejam ao longo da praia testículos acesos e peitos duros, esses rapazes e moços um assustador animal fragmentário, elástico, urrando com a boca no solo, grotescamente. Vou entrando no mar com Narcélia e estremeço: Velimir Leskóvar ouve a menina negra, que aponta com gesto inocente e lascivo o céu de um azul deslumbrante. Também ele nos vê e inclina respeitoso a fronte larga. Quando chegou esse homem? Ontem. Um indivíduo de aspecto soturno conduz sobre a calçada uma cadeira de rodas: a inválida, de chapéu e luvas de renda, o vestido com flores amarelas e rubras, olha meditativa o horizonte marinho. Surpreende-nos uma onda mais alta e por pouco eu não solto a minha carga. Narcélia, longe de amedrontar-se, crava-me as unhas nas costas e nos braços, ordena que eu penetre mais fundo e, quando as ondas nos envolvem, abriga o rosto no meu ombro, acho mesmo que me lambe a pele salgada. Velimir Leskóvar, muito alvo e sem pelos, também entra na água, conduzido pela mão suave da negra. A cadeira de rodas segue lenta, a mão direita da mulher agita-se no ar e a luva rendada exala um perfume nítido, áspero, enxame ou zumbido que logo o vento dispersa. O homem, seu criado, vê apenas o chapéu de palha, as luvas, as pulseiras de ouro e a seda florida sobre os joelhos da entrevada. Velimir Leskóvar afasta-se da negra e adentra o oceano. Parece alegre e nada faz supor que saiba: desapareceu o sinal, o halo negro. Não tem mais, apesar de condenado, a proteção equívoca do seguidor. A mesma vaga altaneira que se abate sobre ele envolve-nos e eu giro com Narcélia, que grita sufocada e morde-me o peito, de medo. O estrangeiro nada, metódico, com determinação, distancia-se da praia. A cadeira atravessa o irregular caçamento de hexágonos entre as duas pequenas enseadas, cruza essa área desolada e o som cortante de serra que vem da construção à esquerda, a mulher fecha as mãos dentro das luvas e o criado supõe — supõe, apenas, que ela emite um grito agudo, agônico, idêntico ao da serra. Narcélia dá-me ordens com ânimo e paixão, que eu não tema, leve-a, penetre-a, não seja o pusilânime que demonstro ser, mais dentro ainda, mais, as suas pernas inertes oscilam com o fluxo das ondas e parecem novamente vivas. Velimir Leskóvar talvez nade para a morte ou já esteja afogando-se. A enferma, voltada para o mar, ali um tanque raso onde os pais soltam as crianças, estende as mãos, fala do céu de Capri, o homem relança o olhar pelas raízes tortuosas das amendoeiras na areia, pelos quadris das moças no sol ou à sombra das árvores, sons de vozes e assovios, a linha do oceano, um barco a vela, o perfume: nuvem cáustica. A mulher volta-se para o seu enfermeiro, ele se inclina (o doloroso perfume) e ouve-a dizer:

— Só acontece o que evolui. Fora disso, tudo é falso. Tudo. Leve-me agora para um lugar sombreado.

— Vamos — brada Narcélia. Mais fundo e firme, homem! Água à altura dos meus peitos e ela quase no nível dos meus ombros, as ondas bravas, fluxo e refluxo, todos os músculos tesos, sua voz sufocada (que se dane a vida, que não quer saber de segurança, de nada, prove que sou macho), agora, agora!, a alta onda temível e rugidora, eu e ela suspensos, na minha carne e suas unhas, o grito, o rodopio e sua boca ferrada à minha boca, mordente, giro e sinto a areia fugindo-me, fugindo, mas é areia, chão. Narcélia, o rosto cor de cal voltado para longe, as narinas arfantes, o corpo mais pesado. Os pés flutuam: unhas cor de sangue. Agora, leve-me. (Quase não escuto a sua voz.) Tomo a direção da praia, alguns casais de velhos aproximaram-se e fitam-me severos. Acomodo Narcélia, enxugo-a com o zelo pessoal de sempre, sem que ela descerre as pálpebras. Velimir Leskóvar, ainda ao largo, está de volta, nadando com serenidade. A menina sai das águas, maiô justo, a pele escura aljofrada, reflexos de sol nos ombros, move-se ondulando os quadris ainda estreitos, ordinária, caixa de malícias. Volta-se e espera o nadador, mãos na cintura, as nádegas abauladas, duas esferas ardentes. Ordinária. Puta.

— Nárcélia, finalmente, abre os olhos. Hoje à tarde, Canoas, vamos dar — diz com voz neutra — um passeio ao longo da praia.

[Pelo telhado entra um raio fino de lua e os galos cantam. Mais ninguém no quarto, do qual só resta o espectro das paredes, do piso de tijolos e da cama estreita onde vela. No outro extremo da cidade, sangram porcos, parece que com facas cegas. Os animais sacrificados abrem a garganta no mundo, clamam por um socorro impossível, suas vozes medonhas se alastram noite adentro, os galos cantam e eu choro, mordendo o travesseiro.

Choro pelos porcos ou alguém me magoou? Por que soluço com tanto desespero?]

Os instrumentos de persuasão ecoam vindos de longe, o trânsito foi alterado para a exibição do bloco Aprendizes de Loucos, ruas sem calçamento e escuras animam-se com a passagem dos carros, os faróis altos devassam muros carcomidos, portões tortos, jardins mal cuidados e depósitos de lixo. A cidade emerge da sua letargia, do seu sossego podre e conhece a intermitente exaltação dos balneários, para mim familiar desde que Narcélia me empregou: sua cadeira de rodas transita entre praias e fontes, coincidindo os passos dessa via-profana com períodos festivos, para dissimular o tédio e a necessidade, para fingir que viemos por prazer, alegria, fruição. As pessoas abrem espaço para nós, que sulcamos a rua principal, sulcamos o rumor compacto de pragas, tropel, golpes de mandíbulas, a multidão abre espaço, todos observam Narcélia que avança indiferente, o olhar perdido ao longe, como se não os visse, como se os Aprendizes de Loucos já se houvessem exibido e dissolvido, como se alguns deles não cruzassem conosco vestidos de cetim, como se as lojas de artesanato, as sorveterias, o Flipperama Apolo e os restaurantes de toalhas imundas não estivessem apinhados, como se essas cadeiras com que os hotéis centrais atravancam os passeios de cimento dormissem lá por dentro, vazias, como se fosse uma noite qualquer — os

moradores da cidade mastigando em casa os próprios corações gangrenados — e não a deste Sábado pascal. A energia da aglomeração afasta os velhos — escumalha e detrito — para as margens, eles renteiam as paredes. Obstrui nossa passagem um círculo mais denso: dois negros com chapéus de mexicano exibem cães e macacos amestrados. Início o contorno do círculo, quando uma espécie de cunha pressiona o agrupamento, as pessoas vacilam, lançam gritos de medo e há um atrito de ombros, algumas tentam correr e não conseguem, presas na desordem que rápida se instaura, provocada ignora-se por quem. Narcélia volta-se para mim e eu tento recuar, mas também por trás estamos bloqueados, uma das donas com ar de prostituta cai por cima da cadeira, os cachorros de alvoroçam e latem, os dois macacos se enfiam sob as abas dos chapéus, nos ombros dos negros, que procuram salvar seus apetrechos. Estalam os chamados, os brados, os gritos de ajuda. Quase erguendo a cadeira procuro ganhar a calçada e é então que o movimento quebra a resistência e alastra-se, tumultua os interiores das lojas, um vulto rasteja veloz (o anão!) sobre os joelhos de Narcélia, vejo que a barra do vestido foi rasgada, a seguir distingo o centro, a mola voluntária da arruaça, rolo compacto e irado, dez ou doze rapazes, nenhum com mais de vinte anos, são os do Hostess Hotel, os que chegaram na véspera, vêm sobre nós como uma carga de tijolos desabando, arrebata na passagem Velimir Leskóvar, a auréola trevosa se esvaiu e ele volta para mim — um ápice — o olhar aterrado, Narcélia solta um uivo mortal, eu sou erguido no ar, solto a cadeira, vejo-a inclinar-se com a doente, seus braços estendidos para atenuar a queda e vem-me à lembrança que em todos esses dias da Semana Santa não ouvi na cidade sino algum. Nenhum.

[As paredes, altas, exalam ainda um cheiro alvo de cal e todas as esquadrias foram pintadas de verde. O piso de madeira, atentamente lavado e esfregado, inebria-me com seu odor de sândalo, talvez seja de sândalo, quem sabe? A porta e a janela da sala de visitas (ou são duas janelas?) estão escancaradas como um velório e as cadeiras brilham, os espaldares cobertos com capas de linho branco. Reinam, em todos os cômodos da casa, lâmpadas novas e de um fulgor exaltante. Mesmo a lâmpada da sala, adornada com um fantástico abajur de papel crepom cor de laranja, trespassa o papel, e as sombras que se movem nas paredes são uma espécie de claridade.

Quem, entretanto, acaba de mudar-se para essa casa estranha, à qual talvez eu nunca regresso e cujas lâmpadas acesas, mais que acesas, mais que deslumbrantes, vivas, tanto me alegrem? Quem?]

O garçom, solícito, abre a porta do elevador e eu entro com Narcélia, que se volta e contempla, enigmática, o refeitório deserto, a extensa mesa de frios ao longo das janelas, as toalhas engomadas, a ordem quase doméstica e ainda não desfeita pelos hóspedes, hoje em grande número.

— Assim, estamos livres deles — comenta. Isto é...

As rodas giram um tanto perras ao longo do corredor. Céu sem nuvens, a vela imóvel de um barco perdida no mar luminoso, os ciprestes do istmo ondulando. Abro a porta.

– Isto é, o quê?

– Nada. Que horas são? Onze de trinta e quatro. Vozes nas piscinas e rumor de corpos tombando na água turva. Transporto-a para a cama, descalço-a, há uma deformação – ainda tênue – no pé esquerdo. Traga-me o quimono.

– Qual deles?

– Tanto faz. Não. (Na sua voz, uma nota de cansaço.) Fico vestida. Se quiser, pode sair um pouco. Não preciso de nada. Ou melhor: recosteme. Vou fumar.

Cubro seus pés com um lenço de seda colorido. Várias pessoas nadando ao mesmo tempo, som como de hélices na água, vozes. Vou à janela, observo os nadadores, a área da piscina totalmente exposta (nem um guarda-sol, nem um arbusto, sombra alguma), tiro de sob a minha cama a caixa de almotolias, chaves de fenda, flanelas, começo a lubrificar a cadeira. Os olhos de Narcélia parecem conter a cidade e o Domingo de Páscoa.

– De qualquer modo, foi bom almoçar cedo. Não quero ver essa gente de excursão.

– Alguns estão na piscina.

Sobre o tapete, menores que os seus pés, jazem as pantufas que ela sonha usar.

– Também o judeu?

– Também.

No andar superior, vigia-me o acompanhante, isto significa que eu já fui encontrado, que estou marcado, que nunca verei a Páscoa em Sevilha, mas que por enquanto *ele* me guarda, ao contrário de Velimir Leskóvar sentado à beira da piscina, os pés mergulhados na água agitada, sem a auréola de vigiado e também sem garantias, mortal, inerte, abandonado, só, entregue ao imprevisito. E que relevo assume e como se anuncia funesto, diante dele – peixe egresso do abismo, da efêmera imortalidade e agoira exposto à rede –, o desvario dos móveis à margem das piscinas, seu alvoroço, a fúria que se forma, inconsolável, entre esses quadrados, retângulos e círculos, como um céu de tempestade! Por isso vibram as minhas mãos? Por isso pressiono tanto a almotolia e derramo óleo nas tábuas? Narcélia terminou o cigarro e faz um comentário que as vozes discordes vindas de baixo não me deixam ouvir. Dissipa-se o cheiro de fumo e, por um minuto, o rubro odor das maçãs sobrepõe-se às essências com que ela se asperge, à cera de assoalho, ao cedro empregado no quarto e mesmo ao óleo de máquina. Os primeiros clientes acomodam-se na Cantina do Ângelo, ameaçados pelos cachorros famintos na calçada e pelos dolosos animais de Disney, em plástico, pendentes do teto. Na piscina, muitos vociferam, exclamações de recusa e desacordo. Onde haverão desenterrado os apliques do Candelabro, galharia brotando das paredes, negra como seu caldo verde? Rumor semelhante ao de um grupo amotinado, imprecações, golpes, água espadanada, o sol a pino. Interrompo a lubrificação da cadeira: todas as minhas unhas

estão roxas, roxas, um tom lívido e quase luminoso. Narcélia com os olhos fechados, mas não adormecida.

Muito mais suja a água da piscina, de que não vejo o fundo. Os rapazes ocuparam-na, são mais de vinte, disputam com ardor uma bola de couro e os móveis em torno formam um desenho maligno. Velimir Leskóvar reaparece vindo talvez do bar e fica de pé, hesitante, seguindo com interesse o jogo dos rapazes. Quatro ou cinco, regressando da praia, escalam o muro e mergulham, aos brados. O absurdo combate mais veloz e mais brutal, e os gritos mais ferozes. As moças e os casais retiraram-se. A bola gira no ar e cai ao acaso, um dos homens agarra-a e os demais agridem-no, urrando palavrões. Hesitante, o estrangeiro entra na água, descendo pela escada, mas não de uma vez: de degrau em degrau. Ergue um braço, mantendo a outra mão oculta sob a água agitada. A bola cai a seu lado, ele segura-a e se curva sobre ela, o dorso branco é encoberto pela massa de braços, pernas e troncos musculosos, os mais distantes vituperam como alucinados, avançam e de súbito aparece na água turva uma nódoa. O clamor diminui. Alguém se precipita, foge por cima do muro. Os corpos se desentlaçam. Por que correm todos? A bola flutua ao sol, vermelha. Meio submerso, gira com lentidão — como se entre nuvens — o corpo leve e pesado de Velimir, o sangue borbotando da garganta e escurecendo de tal modo a água ainda agitada que não posso ver seu rosto.

— Volto-me. O olhar de Narcélia: duro e mais vesgo, de xamã ou de xilogravura, duplo golpe de dardo, um X. Consigo dizer: “Assassinaram o judeu”.

Adormeço ou perco os sentidos? Morreu o dia e no céu cambiante resta uma faixa rósea, dissipada pelo azul que sobe. Terei visto Narcélia andar no quarto e inclinar-se sobre mim, ou sonhei? Sonhei ou realmente vi ainda uma vez, na água impura, o corpo exangue, trucidado e abandonado?

A voz de Narcélia ergue-se clara, na sombra:

— Ele não foi assassinado: Morreu pelas suas próprias mãos.

Continua sem mover-se, porém. Surgem as estrelas de abril sobre a cidade, que recai na espera e na monotonia. Um ônibus atravessa devagar a ponte, ao longe. Vazia a piscina e quase deserta a rua principal. Vou à janela: o mar cor de aço. Passa um burro puxando uma carroça, cheia de garrafas vazias. Nesse instante, percebo que não há *ninguém* no andar superior, que o meu acompanhante — como, ontem, o de Velimir Leskóvar — também se foi. Expulso de Delos, sento-me na cadeira de rodas, atordoado pelo peso da mortalidade e da incerteza. O letreiro luminoso do hotel começa a pulsar. Refletindo-se no carcomido edifício em frente à praia, ecoa nas paredes, desvela o rosto de Narcélia, que parece dizer, do fundo musgoso de um paul:

— Agora é a sua vez.